

Voz da Fátima

Director Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



Em lugares da freguesia da Fátima e das freguesias circunvizinhas. Como nota curiosa, os homens eram mais numerosos do que as mulheres, facto que não tem fácil explicação, pois nunca ou raríssimas vezes sucede. Muitos fiéis, mais do que, relativamente falando, é costume, se aproximaram do tribunal da Penitência e da Sagrada Mesa.

Como no dia correspondente do primeiro mês do novo ano, também no dia 13 do último mês o tempo esteve magnífico, de céu azul e de sol brilhante e quente.

Os fiéis começaram a afluir ao recinto da Cova da Iria sobretudo depois das 10 horas da manhã, sendo na maioria dos diver-

Os actos religiosos oficiais efectuaram-se dentro da igreja que se encheu completamente de peregrinos, tendo ficado fora alguns que não conseguiram encontrar lugar.

As 12 h. iniciou-se junto da Capelinha das Aparições a recitação do terço, que foi presidida, como habitualmente, pelo Rev.º Mons.

PEREGRINAÇÃO DE Fevereiro, 13

Manuel Marques dos Santos, Reitor do Seminário Episcopal de Leiria e Vigário Geral da respectiva diocese.

As 12 h. e 30 realizou-se processionalmente a condução da Imagem de Nossa Senhora da Fátima da Capela das Aparições para o altar provisório da igreja, onde foi colocada do lado da Epístola sobre uma mesa para isso preparada. A procissão decorreu com a simplicidade própria das pequenas peregrinações da estação invernal, sem deixar de revestir o brilho e o encanto que lhe empresta tanto a piedade fervorosa dos peregrinos como o ambiente de religiosidade que se respira no tranquilo e recolhido local das aparições.

Celebrou a Missa dos doentes o Rev. Padre José Augusto Nunes, pároco da Barosa (Leiria). Ao Evangelho fez a homilia o Rev. Padre Manuel dos Santos Craveiro, director espiritual do Seminário de Leiria. Foi o celebrante da Missa que no fim da mesma deu a bênção com o Santíssimo Sacramento a cada um dos doentes e depois em conjunto a todo o povo.

O Rev.º Mons. Marques dos Santos fez as invocações habituais e repetiu mais uma vez a fórmula pontifícia da consagração ao Imaculado Coração de Maria.

A Schola Cantorum do Seminário de Nossa Senhora da Fátima, dos Rev.ºs Padres Missionários da Consolata de Turim, com sede na Cova da Iria, executou a Missa «de Angelis».

A umbela pegou o sr. Brigadeiro Dias Costa, Comandante da Região Militar de Tomar.

Antes e depois das cerimónias oficiais, a atenção e o interesse dos peregrinos volveram-se de modo especial para as seis pombas que acompanharam na sua peregrinação triunfal pelo Alentejo e pelo Algarve e no seu regresso à Cova da Iria a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima que está exposta ao culto na Capelinha das Aparições. Alguns deles pretendiam ver representado pelas seis pombas o número das aparições, assim como outros já tinham pensado que as três pombas que vieram no regresso da peregrinação à Capital do Império e das quais duas já morreram simbolizavam os três videntes, Lúcia, Francisco e Jacinta.

Todos os peregrinos se mostravam bastante sensibilizados com as notícias das homenagens prestadas pelas multidões a Nossa Senhora da Fátima, quer na Europa quer na América, por ocasião da visita da sua Imagem, e com a perspectiva de novos triunfos para a gloriosa Padroeira da Acção Católica Portuguesa na

sua próxima visita à África, depois de passar pelo Porto, onde as autoridades e a população da Cidade da Virgem lhe preparam uma recepção apoteótica.

Que chuva abundantíssima de graças e bênçãos celestes a excelsa Rainha do Céu tem distribuído e continua a distribuir às mãos cheias sobre as nações e sobre os povos de todas as partes do mundo, à passagem da sua bendita Imagem, ao mesmo tempo que a sua mensagem de oração e reparação se vai tornando mais conhecida e cumprida em mais larga escala para glória de Deus e salvação das almas!

VISCONDE DE MONTELO

NESTE MÊS DE S. JOSÉ...

Nossa Senhora não leva a mal, antes estima e agradece, que se dêem também ao seu casto Esposo umas linhas da «Voz da Fátima», principalmente neste mês de Março, que especialmente lhe é dedicado.

Nós não devemos esquecer nunca que S. José veio à Cova da Iria e se deixou ver aos pastores. E não se trata de uma aparição eventual, prémio à devo-

ção dos pequenos, ou decidida à última hora, se este falar tem aplicação a coisas que se passam no domínio do sobrenatural. S. José veio em Outubro, mas Nossa Senhora já havia dois meses que começara a anunciar esta visita e a preparar os videntes para ela. Prova de que a Santíssima Virgem lhe dava grande importân-

(Continua na 5.ª página)



Em Silves, duas rolas vearam do andar de Nossa Senhora da Fátima para junto da custódia do Santíssimo Sacramento

Cruzados da Fátima

Os nossos irmãos

Não é bom Cruzado aquele que se limita a trazer com assiduidade o emblema da Pia União e a pagar pontualmente a sua cota. Primeiro, Deus.

Mas, quem ama sinceramente a Deus, em Si mesmo, não pode deixar de amá-Lo, nos nossos irmãos, sejam eles quais forem — parentes, amigos, estranhos, até adversários. Recordam-se as palavras da Escritura, com que Jesus confundiu a audácia atrevida dum doutor da Lei: «(O grande mandamento é este) — amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu espírito. Este é o máximo e o primeiro mandamento. E o segundo é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo», (Mat. XXII, 37-39).

Muitas vezes haverá a tentação de se faltar ao cumprimento da Lei, sob pretexto de que são más as horas que se vivem, de que não há sequer o necessário para satisfazer as inalienáveis e inadiáveis exigências próprias.

Poder-se-ia dizer que os nossos recursos, por minguados que sejam, podem chegar muito longe. Muitos pobres encontram o segredo de valer aos irmãos mais pobres. Na pobreza de alguns há riquezas de generosidade que parecem multiplicar o pouco que se possui. Mas, para além da generosidade material, há sempre possibilidades morais, que valem incomparavelmente mais do que aquela. Se é bom ter larga a bolsa, melhor é ter largo o coração. Se o amor é puro e ardente, encontra sempre maneira de fazer o bem.

Uma dessas modalidades, decerto das mais fecundas, é a oração. Por isso os Estatutos da Pia União dos Cruzados de Fátima claramente prescrevem como dever:

«Orar pelos associados; pelas almas do purgatório, especialmente dos associados falecidos; pela conversão dos pecadores; pelos doentes e por todas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora da Fátima; pelas missões entre cristãos e infieis, especialmente nas colónias portuguesas».

Como se vê, a Pia União faz apelo instante à oração, misteriosa T. S. F. que liga a terra ao céu. Quando, na miséria escura em que se vive, não haja outros recursos, este é sempre realidade e riqueza ao alcance de todos.

E não esquece ninguém que viva em necessidade — na terra e no purgatório. A todos os males, do corpo e da alma, pode valer o Senhor. E Ele quer — é do Evangelho — que façamos violência à sua misericórdia, por meio da oração, que adora, que louva, que expia, que merece, que suplica.

Obra de santificação, a actividade espiritual da Pia União ficaria incompleta, se desconhecêsse o processo de justificação própria. Obra auxiliar da Acção Católica, não cumpriria inteiramente a sua missão, se não prestasse auxílio eficaz a esta Cruzada.

Tinha a visão clara das realidades quem organizou a Pia União. Por isso, não esqueceu a santificação de cada associado nem as necessidades da Acção Católica.

Mas estes problemas merecem referência especial.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

A IMAGEM

de Nossa Senhora da Fátima
no Grão Ducado de Luxemburgo

Na fronteira, o Bispo foi o primeiro a avançar, lentamente, apoiado na sua bengala, ao encontro da Senhora. Embora doente e quase inválido, não quis faltar, ele, o Pastor, para dar à Virgem Santíssima os seus agradecimentos por ter vindo até ao Luxemburgo. Em palavras simples, com a emoção a embargar-lhe a voz, saudou a Senhora e repetiu-lhe o seu «obrigado». Toda a multidão se comoveu; o próprio Comandante da Polícia não sente vergonha em enxugar uma lágrima. O «maire» de Weiswampach exprime também a sua alegria e o seu orgulho por ver a imagem entrar no Grão-Ducado pelo norte do país.

Depois foi uma viagem maravilhosa. Maravilhosa, certamente, pelo encanto dos sítios atravessados, pelos bosques, pelos vales, à sombra ou ao claro sol, nas povoações asseadas ou nas cidades em ruínas. Maria passava, alegre e sorridente.

Viagem mais maravilhosa, contudo, pelas almas que acolhiam a sua Rainha e Lhe faziam um cortejo ininterrupto de orações, de cânticos e de penitências. Durante 18 dias, muitas vezes durante a noite, não se deixou de caminhar. No distrito do norte, o menos povoado, dos 18.000 habitantes que conta esta região 15.000 tomaram parte nas procissões. Grandes e pequenos, homens e mulheres, desfilando os seus rosários, todos vinham ao encontro da Senhora, para o único negócio que naquele momento os interessava: receber a Rainha que ia passar. Em boa ordem, sem conversas inúteis, todos rezam ou cantam sem interrupção. Os homens e os rapazes reservam-se a honra de levar o andor, quer as caminhadas fossem grandes quer pequenas, quer fosse época de grandes trabalhos quer dia de repouso. Em Trois-Vierges, por exemplo, todas as casas estavam fechadas, a cidade parecia deserta, a população viera toda ao encontro da Senhora.

É impossível descrever pormenorizadamente a recepção em cada aldeia, vila ou cidade. Por toda a parte foi grandioso e raro. Missas à meia-noite, confissões numerosas e surpreendentes. Nos 18 dias que durou a passagem pelo Grão-Ducado do Luxemburgo, distribuíram-se mais de 100 mil comunhões. Ora o Luxemburgo conta um pouco mais de duzentos e cinquenta mil habitantes, incluindo as crianças e os não católicos.

O momento mais comovedor, mais cruciante de toda a peregrinação no Grão-Ducado foi em Vianden. O cortejo com Nossa Senhora seguia ao longo do Our, riozinho que serve de fronteira entre o Luxemburgo e a Alemanha. Num sítio em que o rio é mais estreito, começaram a ver-se, pouco a pouco, grupos de fiéis alemães, que se aproximavam da outra margem, se punham de joelhos e rezavam à Rainha e Mãe de todos os homens, Mensageira da Paz. De mãos e braços estendidos para

Ela, suplicavam: *Virgem da Fátima, vinde até nós!* E na extensão de 4 quilómetros, do lado de lá da corrente, rezando e cantando, acompanhavam a procissão.

Quer no norte quer no sul, foram por toda a parte os mesmos entusiasmos. Mas a capital quis exceder a todos, se tal era possível. Nada faltou: decorações, flores, cânticos, grandes massas de povo, visitas a hospitais, a clínicas e a conventos. Mas a homenagem que a Virgem Santíssima terá preferido, sem dúvida, foi a daquela multidão de homens que enchia as vastas naves da catedral de Luxemburgo, numa missa da meia-noite. Nem uma mulher, só homens, que rezam e cantam, que se confessam e comungam.

Em 26 de Setembro, partida de Nossa Senhora. Na fronteira, lá estava outra vez o Bispo doente, como muitas outras vezes se encontrou no meio dos fiéis, em torno da Senhora. A imagem tem de partir, o tempo apertado, mas os peregrinos em Doncoh querem-na reter. «Mãe — exclama o Pastor — Tu te vais, mas a tua lembrança fica entre o nosso povo. Tu também, guarda na tua boa lembrança este povo que tanto Te quer. Até à volta, ó nossa Mãe e Rainha! Fica com as tuas graças! Até à vista, senão neste mundo, então no Céu!»

IMPÉRIO DAS MEIAS

Av. Almirante Reis 173 B
LISBOA

Lençóis c/ajour 1m.80	45\$00
Lençóis c/ajour 1m.40	35\$00
Colchas cama casal, gorgorão	50\$00
Colchas adamascadas, cores ...	57\$50
Colchas hospitalares brancas	55\$00
Travesseiros casal 13\$00; pessoa	8\$80
Almofadas casal 6\$50; pessoa	4\$80
Toalhas turcas grandes 17\$50 e	12\$50
» peq.ª 7\$50, 6\$00, 5\$50 e	4\$00
Toalhas mesa 1x1 c/guardan.	19\$00
Idem 1,20x1,20 c/guard	24\$00
Parures opal corte soutien ...	25\$00
» Flores corte soutien	31\$00
» chita pintinhas	20\$00
Camisas de noite	24\$00
Combinações, corte soutien ...	14\$00
Meias escócia 11\$00, 10\$00 e	7\$50
Meias escócia finas, pé cotton	15\$00
» de seda, belos saldos 9\$50 e	8\$00
Peúgas bonitas fantasias	6\$50
Lençinhos senhora recl. 1\$30 e	1\$10
Lenços, homem 2\$40, 2\$00 e	1\$70
Peúgas sport p.ª criança 4\$50 e	3\$50
Lenços georgetinos, cabeça ...	22\$50
Veus arrendados, seda	14\$50
Toalhas alinhadas, barras ...	6\$50
Chitas, lindos padrões	5\$30
Babets organdi, bordados ...	7\$50

Províncias e Ilhas, a contra reembolso

Pasta Oriental

A PASTA ORIENTAL é a melhor pasta para dentes, 7\$00 e 4\$00. PETRÓLEO QUÍMICO ORIENTAL — O produto de melhores resultados contra a calvície. Preço, 18\$00. QUINA PETRÓLEO ORIENTAL — Conserva a ondulação e perfuma finamente os cabelos das senhoras. Preço 18\$00. CREMOLINO ORIENTAL — O mais energético desinfectante para depois da barba. Preço, 6\$00. LOÇÃO RITZ — O único produto que restitui a cor aos cabelos embranquecidos, sem os tingir. Preço, 19\$00. Brilhanças, extractos, pó de arroz, batons, verniz para unhas, etc.

SOCIEDADE CORTEICOS Ld.ª
R. Eugénio dos Santos 450 — Formosa,
24-3.ª — LISBOA 154 — PORTO
Envia-se à cobrança sem mais despesas

Medalhas Religiosas

assinadas pelo escultor João da Silva: Nossa Senhora de Fátima — Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora de Lourdes — Nossa Senhora de Fátima e S. Coração de Jesus — Virgem do Pilar e Sagrado Coração de Jesus — Escapulário e Santa Teresinha e Mater Dolorosa — Santo António e Ecce Homo — Rainha Santa Isabel, de ouro e de prata

Encontram-se à venda no Santuário de Fátima

MOVIMENTO NO SANTUÁRIO

Retiros:

De 5 a 11 estiveram em retiro espiritual cerca de 25 homens, servitas, membros da Acção Católica, e das Conferências de São Vicente de Paulo, etc. As meditações foram feitas pelo Rev. P.ª José Bernardo Gonçalves, S. J.

No último dia do retiro Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria veio visitar os exercitantes e encerrar o retiro.

Depois da hora santa na noite de Carnaval, seguiu-se a missa e imposição das cinzas, já na madrugada de Quarta-feira, cerimónia com a qual terminaram o retiro espiritual estes homens que preferiram aos folguedos do Carnaval 3 dias de oração passados junto de Nossa Senhora.

De 11 a 15 realizaram o seu retiro espiritual 110 senhoras da Liga da Acção Católica Feminina do Patriarcado de Lisboa. No primeiro dia houve um curso de formação para dirigentes paroquiais. As conferências e meditações fê-las o assistente diocesano, Rev. Dr. Sezinando de Oliveira Rosa.

No dia 30 de Janeiro visitou pela primeira vez o Santuário o Rev. P.ª Alberto Hurtado Cruchaga, S. J. adido à Embaixada do Chile junto da Santa Sé.

No dia 28 esteve no Santuário, também pela primeira vez, o Rev. P.ª Geophegans, pároco de Melbourne, Austrália.

O escritor espanhol, D. António Ortiz Muñoz, redactor do jornal «Ya», de Madrid, que veio a Lisboa fazer uma conferência sobre a canonização de São João de Brito, a convite de Secretariado Nacional da Informação, esteve também no Santuário no dia 28 de Janeiro.

MAIS UM ALTAR

a Nossa Senhora da
Fátima, no Brasil

No Brasil, há muito que se começaram a levantar altares e capelas a Nossa Senhora da Fátima. No Rio de Janeiro, em Minas Gerais, no Recife, Baía, Pará, Manaus, para só nomear algumas das principais cidades. Agora coube a vez a Campina Grande, no Estado de Paraíba, que no dia 13 de Dezembro p. p. Lhe consagrou um belo altar de mármore, na igreja matriz da Conceição. Ofereceu-o a colónia portuguesa daquela cidade do Nordeste, e a imagem foi presente do português Sr. José Teixeira Júnior e sua esposa, em acção de graças por um favor recebido.

Benzeu o altar o Rev. P. António Lamego, S. J., do Colégio Nóbrega, do Recife. Assistiu toda a colónia portuguesa local e luzida representação da de Pernambuco, presidida pelo nosso Cônsul, Dr. Mário Duarte.

Na procissão das velas do dia 13, em união com os peregrinos da Cova da Iria, uma multidão de portugueses e brasileiros, calculada em 20 mil pessoas, percorreu as ruas da progressiva cidade de Campina Grande, entoando hinos à Nossa Senhora da Fátima, Rainha de Portugal.

E lá ficou mais um farol de paz e de amor naquele vasto sertão, ao mesmo tempo que um outro monumento de amizade luso-brasileira se ergia também, à memória do Capitão-Mor Teodósio de Oliveira Ledo, que há 250 anos fundou aquela povoação.

RELOJOARIA RAMOS

Relógios em todos os géneros e todas as marcas.
Os melhores preços
Porto, Rua de Santa Catarina, 208
(Em frente ao G. Hotel) Telef: 26167

A mulher de Putifar

Dos doze filhos que o Senhor concedera ao Patriarca Jacob, José era o mais virtuoso. E, como muitas vezes a virtude se reflecte no exterior, irradiava e embelezava o próprio rosto, José era também um formoso jovem.

Pelas suas belas qualidades físicas e morais e talvez porque era filho de Raquel, a esposa mais amada, Jacob tinha por ele um amor de predilecção, amor que não ocultava dos outros e provocou o ciúme dos outros irmãos.

Um dia andavam apascentando os numerosos rebanhos de seu pai, quando vêm vir ao longe o irmão que detestavam. Levados pelo odioso sentimento da inveja, pensaram primeiro em matá-lo, mas depois resolveram vendê-lo a uns mercadores que por ali passavam em direcção ao Egipto.

Consumado o seu crime, pegaram na bela túnica de José que lhe tinham tirado e que lhe fora oferecida por seu pai, embeberam-na no sangue de um cabrito e enviaram-na ao pobre ancião, que ao vê-la deduziu dolorosamente que o seu filho querido tinha sido devorado por alguma fera. Tãmanha foi a dor do pobre velho, que todos os esforços por consolá-lo ficavam inúteis.

Entretanto os mercadores chegaram ao Egipto e aí venderam José como escravo a Putifar, um dos primeiros oficiais do Faraó.

Em breve as qualidades do jovem escravo se tornaram evidentes ao seu senhor, que lhe confiou a intendência de toda a sua casa.

Não tardou a reconhecer que a sua confiança não fora temerária, pois que os seus bens aumentavam sob a sábia direcção de José, que naquele trabalho humilde e obscuro empregava conscienciosamente a sua virtude e inteligência superiores.

Entretanto a mulher de Putifar concebeu pelo jovem israelita uma paixão criminoso e lançou sobre ele olhares pecaminosos. E, não se contentando com o crime de pensamento que alimenta no seu coração vil, procura seduzi-lo e arrastá-lo à prática de vergonhoso adultério. Tão baixo pode descer a mulher, quando dá ouvidos à tentação do prazer pecaminoso e lhe abre as portas do seu coração.

Ser delicado, quase angelical quando nimbado pela virtude da pureza, o seu mais precioso e belo ornamento, a mulher torna-se verdadeiramente satânica quando se deixa dominar pelo demónio da sensualidade.

José resistiu respeitosa mas firmemente às seduções aviltantes da mulher do seu senhor e procura, até fazer-lhe ver a baixeza do seu procedimento. A nobre alma do virtuoso manzebo não desfalece porque a fortaleza na oração e na confiança em Deus. E, quando um dia, a tentadora

volta a repetir-lhe as hediondas propostas, chegando até a querer agarrá-lo pelo manto, José afasta-se valorosa e enérgicamente, deixando-lho nas mãos impuras.

Há perigos, há combates em que a prudência e a coragem consistem na fuga. Assim o compreendeu José. Mas, frustrada nos seus malévolos intentos, despeitada e desejosa de vingança, a impudica grita a pedir auxílio como se a afrontassem.

E, quando os serviçais aparecem atraídos pelos seus gritos, acabou por demonstrar a vilania de que ele ouvira atentar bre o inocente escravo a cáutia de que ele ousava atentar contra a dignidade da sua senhora. Calúnia que foi acreditada pelo próprio marido, que sumamente indignado mandou José para a prisão, sem sequer procurar averiguar com calma da culpabilidade do fiel servidor, tal a inclinação do homem para acreditar mais facilmente no mal do que no bem.

Grande provação para José foi esta, mas o Senhor que tudo vê e perscruta, recompensa mais tarde a virtude do infeliz jovem, elevando-o às mais altas honras e à reabilitação da sua inocência como no-lo afirma a Sagrada Escritura. E sobre o crime da impudica mulher de Putifar não nos fala mais a Bíblia, como para nos dizer que o seu procedimento só mereceu o desprezo e o olvido dos homens e a reprovação de Deus, que nem o bem nem o mal deixa sem a merecida recompensa.

MOSS

TIRAGEM DA VOZ DA FÁTIMA

NO MÊS DE FEVEREIRO

Algarve	6.785
Angra	16.512
Aveiro	5.866
Braga	42.159
Beja	4.895
Bragança	5.443
Coimbra	9.019
Évora	4.018
Funchal	9.776
Guarda	8.789
Lamego	7.474
Leiria	10.007
Lisboa	13.408
Portalegre	7.835
Porto	36.962
Vila Real	13.766
Viseu	5.137

207.851

Estrangeiro 3.661

Diversos 10.888

222.400

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Magnificat — por René Bazin
Tad. — Maria da Soledade
Colecção «Crítérios» — Livraria Cruz
— Braga — Esplêndido romance católico cujo entredo nos diz como ao longo do amor humano nasce uma vocação sacerdotal.

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

REMÉDIO



D. D.

(Uso externo)

Uma especialidade inglesa que fará desaparecer rapidamente todas as perturbações da pele, dando-lhe um aspecto agradável.

Remédio D. D. D.

Combate, entre outros casos: Eczema, borbulhas, espinhas, comichões, cortes, herpes, FRIELRAS, etc.

A VENDA NAS FARMACIAS E DROGARIAS

GRAÇAS

de N.ª S.ª da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

E não precisou de operação!

D. Gracinda Bernardino de Miranda, Silva, Barcelos, escreve: «Em 6 de Setembro de 1946, meu irmão Miguel Bernardino, casado havia menos de um ano, deu uma queda da qual resultou uma fractura da base do crânio. Transportado logo para o Hospital da Misericórdia de Barcelos, foi observado por vários médicos que consideraram o caso gravíssimo, o mesmo declarando um médico cirurgião propositadamente chamado do Porto. Feita a radiografia, logo os médicos resolveram operá-lo na noite de 8 para 9 de Setembro.

Atormentada, resolvi recorrer, na companhia de sua mulher e sogra, a Nossa Senhora da Fátima. Colocámo-lhe ao peito uma medalha vinda do Santuário; nemdecemos-lhe os lábios com água da Fátima e pusemo-lhe um penso humedecido na mesma água, sobre a região fracturada, com a promessa de publicar a graça e de oferecer uma esmola. Sucedeu então que, volvidas algumas horas, o estado geral do enfermo se modificou completamente e a tal ponto que os médicos desistiram da intervenção cirurgica e o meu irmão pouco depois entrou em franca convalescença.

Segue-se a declaração do médico:

«Dr. Manuel Inácio Leite de Abreu Novais: declaro que em setembro de 1945 (1946), esteve internado num quarto particular do Hospital da Misericórdia de Barcelos, Miguel Bernardino de Miranda, onde entrou com uma fractura do crânio, devida a uma queda duma figueira. O seu estado agravou-se em 8, ao meio-dia (12 horas), chegando a estar resolvida uma intervenção cirurgica, a noite, que não foi feita por o seu estado geral ter melhorado duma maneira difícil de explicar sob o ponto de vista científico. Barcelos, 10-X-947. Manuel Inácio Leite de Abreu Novais.»

Esta cura e confirmada ainda pelo Rev. Pároco de Silva, P.º António Joaquim Lopes J.ºr.

NOS AÇORES

Como que voltou à vida

D. Mariana Luiza Dias Coullart, Conceição, Horta, Faial, escreve: «Tinha uma filha de 11 anos de idade. Adoeceu no dia 30 de Outubro de 1939 com uma paratifoide. Apareceram varias complicações no cérebro, coração, brônquios, r.n.s., etc. A temperatura sempre a mais de 40°. Assim esteve todo o mês de Novembro. Deixou de poder engoitar e os rins paralisaram, sendo apenas alimentada a injeções de soro glicozado. No dia 2 de Dezembro foi ungida. Vendo-a perdida, ajoelhei-me aos pés duma imagem de Nossa Senhora da Fátima e pedi-lhe, cheia de dor, que me restituísse a minha filha, prometendo fazer-lhe novenas durante um mês, mandar celebrar uma Missa pela alma mais abandonada do purgatório e publicar a graça na «Voz da Fátima». Dei-lhe a doente, por entre os dentes cerrados, umas gotinhas de água da Fátima. Assim decorreram 7 dias. O médico empregava todos os esforços, mas não havia já qualquer esperança. A noite antecedente à resta da Imaculada Conceição passei-a a pôr gelo

no ventre, e toalhas de água fria na cabeça da minha filha. A febre apesar disso manteve-se sempre a 40°. Cheia da maior aflicção ajoelhei-me de novo ante a imagem de Nossa Senhora e disse-lhe: «Mãe do Céu, eu esperava com tanta ansiedade o vosso dia para me melhorares a minha Eleonora, e Vos quereis levá-la hoje!...» Ao meio-dia a febre começou a descer e veio para 38°, e assim esteve durante o dia, mas no dia 9 já estava na sua temperatura normal, e assim pôde receber Nosso Senhor que o nosso Pároco lhe trouxe. No dia 21 já a minha filha pôde ir à Igreja, à Missa, embora amparada por mim e pelo pai, agradecer a Nossa Senhora a graça quase duma ressurreição.»

Sem vestígios do seu mal

D. Rosa da Glória, de S. Miguel, Pico, tendo o seu filho António Rodrigues Machado no serviço militar, em Angra, Terceira, recorreu afiltra a Nossa Senhora da Fátima, quando ele apareceu com uma afeção pulmonar. Passado algum tempo de tratamento, os médicos, com grande admiração, verificaram que todas as manchas do pulmão tinham desaparecido, não mostrando vestígio algum da doença mencionada, sentindo-se bem e trabalhando como antes. A mãe vem, como prometeu, tornar pública a graça e o seu reconhecimento profundo a Nossa Senhora da Fátima.

NA MADEIRA

Repentinamente curada

L. Quintal, da freguesia de Santa Maria Maior, da Madeira, sofria de fraqueza de sangue e estava desenganada dos médicos. A família a todo o momento esperava o desenlace fatal. No meio da sua aflicção recorreu a Nossa Senhora da Fátima, em 13 de Outubro de 1941, e, nesse mesmo dia, as 24 horas ficou curada repentinamente. Em cumprimento do prometido, vem dar publicidade a tão grande beneficio que a SS.ª Virgem lhe fez.

EM ANGOLA

Salvo duma queda...

Alvaro da Costa Guimarães, Bela Vista, vem publicamente agradecer a Nossa Senhora da Fátima, de quem é ardente devoto, por tê-lo salvo em 10 de Janeiro de 1935, da queda que sofreu na fazenda «Caputa», no Ambóm, por se ter despenhado numa ribanceira de 30 metros de altura, a camioneta em que vinha. E bem assim, em Julho do ano corrente, duma pneumonia dupla da qual os médicos não tinham já esperanças de o salvar. Conseguiu-o Nossa Senhora da Fátima, pelo que manifesta aqui a sua imensa gratidão. Bela Vista, 9 de Novembro de 1940.

Agradecem a Nossa Senhora da Fátima

- D. Adelaide dos Anjos Dias, Porto.
- D. Joana da Trindade C. Serra, Campo Maior.
- M.ªe Croizier, Saint Laurin d'Uzet, França.
- D. Eugénia Carvalho S. Teles, Porto.
- D. Ana de Jesus Cipriano, Campo Maior.
- D. Ema Nunes Dias, Porto.
- D. Alice Pombeiro Macieira, Lisboa.
- D. Prudência Baptista.
- D. Maria de Jesus Dias Coral.
- D. Alice Garcia Saca, Madalena, Pico.
- D. Lidia Neves Sinde, Coja.
- D. Maria de Jesus, Arjela do Minho.
- Manuel da Silva Campos, Guilha-beu.
- D. Maria Clemência Fonseca, Lamego.

A Imagem mutilada

Corria o mês de Março de 1937. A Espanha, sob a vaga vermelha, tremia de pavor. As perseguições, os atentados, os crimes, eram de toda a espécie e de todo o momento.

As igrejas, profanadas, saqueadas, destruídas, incendiadas. Os indivíduos — e as famílias — que resistiam à perversão das idéias e dos costumes, os que tentavam defender os seus direitos, sequer morais, eram enovelhados, torturados, assassinados.

Nos cemitérios, o lugar preferido para a chacina — quando havia oportunidade para preferências — os corpos apodreciam aos montões, que não sobrava tempo para abrir e fechar sepulturas.

Os actos mais vis, mais hediondos, contrastavam, porém, com os mais nobres, mais heróicos.

Na sua vivenda gastejada, D. Mercedes, com o filhinho doente nos braços, errava de sala em sala, apurando o ouvido contra as sólidas portas de carvalho. De que lado viria o perigo?... E como poderia ela defender-se, ali, sozinha, sem outro amparo, outro conforto, outra esperança que não fossem os da sua fé?

O marido, quem saberia dele? Criados, todos desaparecidos à aproximação do perigo, quantos, talvez, para se bandearam com o inimigo...

A capela, no rés-do-chão, fora já alvo das hordas selvagens, sangüinárias. Justamente a porta escavada e sem batente gemia lúgubre com o vento desabrido que se levantara ao cair da noite. Todos os aposentos contíguos à capela tinham sido também saqueados; fora-lhe posto fogo, mas, por especial protecção da Providência — que explicação natural não se lhe poderia dar — extingrira-se mal os assaltantes se haviam retirado.

E porque teriam eles também abandonado o saque a meio? Supunha a jovem senhora que fora o encontro da garrafeira, de que eles se teriam servido abundantemente e apoderado como do maior tesouro.

Ah! Mas o perigo não estava passado, não! Ao fechar cuidadosamente as janelas, antes de acender a luz, ela ouvira ao longe, na aldeia, um alarido inequívoco, revelador da presença dos vermelhos. Eles voltariam a passar por ali, em breve talvez, e verificariam que o fogo não tinha pegado, que o andar superior estava intacto...

Sim... lá vêm... distingue-se já qualquer ruído, apesar da espessura das paredes e das portas, e embora ainda ao longe...

Que fazer?... Que fazer?... Fugir?... Para onde, que a não apanhassem e ao filhinho estremecido... Pudesse ela dar a vida por ele e pelo marido, preso, decerto, talvez já morto...

Alucinada, fitou a criança. De instante para instante piorava: parecia moribunda. Pobre anjinho que nem repouso tinha nos seus últimos instantes sobre a terra!

De novo a mãe o cingiu ao peito. Pegou numa lanterna, encaminhou-se para a escada interior que ia dar junto da capela e, num instante, estava em frente do altar, vazio, profanado...

Rapidamente, pôs o pequenino no chão, embrulhado no fôfo chaile, e correu a cerrar a porta, barricando-a com bancos e cadeiras — com o que tinha à mão.

Então, voltou para junto do filhinho. Num recanto sombrio, ao lado do altar, derrubada, estava a imagem de S. José, o patrono da capela e da família, o padrinho do pequenino Pepe.

Carinhosamente D. Mercedes levantou a imagem de cujos braços o Menino tinha sido bruta e cruelmente arrancado. Beijou esses braços mutilados, pôs-lhe o filhinho aos pés e ajoelhou, suplicou:

— Vós que fostes sem o vosso Menino, ah! agora pelo meu! Aqui o tendes!... Eu vo-lo confio... Levai-o para o Céu!... Não o deixeis cair nas mãos daqueles desgraçados!

Sem uma lágrima, beijou a criança que lhe parecia que já mal respirava, aconchegou-lhe ainda o chaile e aplicou o ouvido. O tumulto vinha já perto.

Levantou-se de um pulo, correu para a pequena sacristia cuja porta estava fechada, abriu-a, puxou-a atrás de si e fugiu nem ela sabia para onde.

Acabava de se sumir o seu vulto por entre um massiço de árvores, de proporções gigantescas na noite clara, quando o grupo de malfeitores penetrou no pátio, uns de archote em punho, outros brandindo variadas armas. Por uns momentos fez-se silêncio, como se quisessem certificar-se de que a casa estava ou não desabitada. Paravam em frente da capela e, nesse momento, partiu lá de dentro um grito ou antes um gemido que os trespassou de terror.

— Os duendes... os duendes... — murmuraram alguns.

— Bem me diziam que havia aqui almas do outro mundo — aventava uma voz que deveria ser a do chefe. E por isso o fogo não pegou...

Sem mais discussão, seguiram rumo a Villalordo del Gabriel onde em Julho do ano anterior — o fatídico ano de 1936 — já a igreja paroquial tinha sido profanada e incendiada, roubados o rocheio e os sinos.

... ..

O ano passado, numa rústica mas bem cuidada vivenda dos arredores do Porto, tivemos o prazer de tomar conhecimento com D. Mercedes e o seu encantador Pepe, agora rapazinho de quase doze anos. Fora ele sem dúvida que soltara aquele grito aflitivo ao recuperar instantaneamente a saúde — talvez a vida — e ao encontrar-se ali sozinho.

De longe a amargurada mãe observava que o bando se tinha escapado. Sem se deter a conjecturar tão estranho caso, precipitara-se para casa. Felizmente que a porta da sacristia se não fechara. Mas ela própria apagara a candeia e, de cabeça perdida, tateava à esquerda e à direita sem atinar com a passagem para a capela onde ouvia o filho chorar de mansinho. Então um raio de luz — talvez luar — surgia sem se saber de onde: aos pés da imagem mutilada, a criança, sentada, desenvolva, estendia os bracinhos.

D. Mercedes, que suporta corajosamente a perda do marido e da fortuna, mostrou-nos o seu oratório. Lá estava a imagem de S. José com os braços tão recamados de açucenas que mal se adivinhava a mutilação.

M. de F.

Neste mês de S. José

(Continuação da 1.ª página)

cia e queria que também os pequeninos lhe dessem.

Com efeito, Nossa Senhora dissera que S. José viria com o Menino Jesus «para dar a paz ao mundo». E a paz, passado pouco tempo, voltou ao mundo, embora por poucos anos, porque os homens a não souberam guardar nem merecer.

No dizer da Virgem Santíssima, foi então S. José que «deu a paz ao mundo». Fixemos bem estas palavras e meditemos nelas. Se o mundo ainda hoje tão revolto, aqui e ali em guerra declarada e por toda a parte em guerra surda e tremenda de nervos, de fome, de miséria e de medo, voltarmos para S. José e obtemos dele o beneficio inestimável da paz.

Estamos todos persuadidos de que a boa harmonia entre os povos, num próximo futuro, há-de ser obra e dádiva do Imaculado Coração de Maria, que de Jesus recebeu tão sublime encargo. Mas quem sabe se Nossa Senhora não quererá que lhe peçamos esta graça por intermédio do seu bem-amado Esposo? *Ite ad Joseph!* «Ide ter com José», respondei Faraó, nos tempos antigos, aqueles que se acercavam com requerimentos ou pedidos de qualquer ordem. *Ide ter com José!* nos diz também hoje Maria.

Mas como é que S. José nos há-de valer? Primeiramente com o seu poder pessoal junto de Maria e de Jesus. No céu mantêm-se os mesmos graus de affecto e podemos crer que de autoridade e de jerarquia, quando mais não seja por deferência. Ora cá na terra era «o pai» que mandava na Sagrada Família. Também no Céu um pedido dele equivale a uma ordem. Os privilégios lá exaltam-se e sublimam-se, não se tiram ou enfraquecem.

Admitindo, por conseguinte, que S. José alcança tudo o que pede a Maria e esta a Jesus, já sabemos o que nos resta fazer. Uma grande campanha de orações e de sacrificios, principalmente neste mês de Março, para que S. José conceda ao mundo e à Santa Igreja aquela paz e

aquela prosperidade por que todos ansiamos.

Mas há ainda um outro ponto, e não de menor importância, para nos tornarmos dignos de merecer e alcançar a protecção de S. José. É o exemplo das suas virtudes.

Um dos meios de pôr em prática a Mensagem da Fátima, esclareceu a Irmã Lúcia mais tarde, consiste em cada um de nós cumprir exactamente os seus deveres de estado. Com simplicidade, com constância e quantas vezes com heroísmo. Ora nisto, afinal, se resumiu toda a vida de S. José: Fazer bem feito, a cada momento, o que a santíssima vontade de Deus dele pedia.

Cumprindo a Mensagem da Fátima, neste particular, imitamos S. José, merecemos a sua protecção e apressamos por seu intermédio a paz para o mundo. Se já a deu uma vez, porque não há-de dá-la uma segunda?

Ite ad Joseph! repete-nos Nossa Senhora. Vamos ter com S. José e façamos-lhe violência. É ele o melhor advogado para o Coração Imaculado de Maria — porque melhor lhe conhece os segredos e lhe adivinha os desejos — assim como Maria é a melhor intercessora para o Santíssimo Coração de Jesus.

Por José a Maria e por Maria a Jesus! Tal seja a lição a tirar dum pequenino e para muita gente desconhecido episódio das Aparições da Fátima.

«E do Céu o vieram buscar»

Nuno Maria de Sottomayor Neuparth

Biografia edificante dum menino de 14 anos. Encontram-se à venda os últimos exemplares que podem ser requisitados ao Santuário da Fátima. Preço, 10\$00.

NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.

CONVERSANDO

EM RUMO

a um mínimo indispensável à vida

Um telegrama de Paris, de Janeiro último, deu a notícia de que o Centro de Estudos da Confederação Geral do Trabalho, na França, fixou em 11.603 francos por mês o mínimo necessário à vida de cada trabalhador. Entretanto, o secretário do mesmo organismo declarou, pouco depois, que, dentro de semanas, os preços subiriam cerca de 50% e que esta subida nos produtos industriais não deixaria de repercutir-se nos produtos agrícolas.

Sabe-se agora que aquela Confederação já reclamou o aumento dos salários em francos para mais 80%.

Isto, em França, é claro; mas julguei interessante este facto para mostrar como, entre os que se arrogam o comando das classes trabalhadoras com planos mais ou menos radicais de socialismo e comunismo, se anda ainda muito longe de soluções lógicas sobre o equilíbrio da vida social nas relações com a produção e distribuição dos valores económicos, esquecendo-se até que, além das classes trabalhadoras, outras há com igual direito à vida.

O direito à vida está hoje, com efeito, universalmente reconhecido, em princípio, mercê das doutrinas e moral da Igreja Católica, daí tendo irradiado para os estatutos fundamentais de direitos individuais de quase todas as Nações. Mas, na prática, os Estados, por incompreensão de interesses entre as suas classes dominantes, não puderam dispor-se para um entendimento mútuo a este respeito, como seria imprescindível, dado o alcance universal do problema.

Só a partir de 1945, com os escombros à vista da tremenda Guerra que findava e sob a pressão de um mundo que gemia em dor, é que começaram a dar-se os primeiros passos para uma política de efectivação de garantias do direito à vida.

O que parece, porém, é que não será caminho seguro para tal fim a simples fixação do mínimo em moeda, sobretudo na presente conjuntura, dentro de duros apertos da subsistência pública. A moeda só vale como efeito dos vários factores de produção e distribuição, aliás complexísimos e sempre instáveis: em geral, a moeda não compra sempre na mesma medida o que é necessário à vida; e por vezes até, em qualquer medida, as coisas não se encontram nos mercados. Como fixar-se, portanto, um mínimo necessário, sem se saber primeiro o que há de produzido e qual o potencial de produção, pois a própria moeda é aí que tem de ir procurar a sua valorização?

Por isso, o aumento de salários em dinheiro, a que muitas vezes se recorre para atenuar queixas, redundando, quase sempre, numa sobrecarga inútil para os produtores e numa elevação de preços para os intermediários, sem benefício algum para os salarizados.

O mínimo de vida também não é de fixar-se só para as classes trabalhadoras, mas para todas as

classes. Sendo geral o direito à vida, ninguém pode dele ser excluído, pois que a natureza impõe em cada indivíduo, para poder subsistir, a mesma capacidade de consumo, dadas as mesmas condições. E desta maneira há que partir do cômputo em globo das disponibilidades de subsistência para as aplicar consequentemente a cada um dos elementos da população total.

Não se perca nunca de vista, porém, que o mínimo de vida é susceptível de aumento sempre que se manifestem progressos apreciáveis na técnica da produção, e outrossim fica sempre livre à margem de diferenças, acima do mínimo, correspondentemente às diferenças de capacidade e aptidões pessoais no trabalho.

Como o mínimo a fixar tem de ser essencialmente de vida, conclui-se facilmente que, de todas as indústrias e formas de actividade, a parte principal da produção, que o deve constituir, é a que vem da terra agrária.

A terra agrária, porém, tende,

nos países ainda não comunizados, a sair das mãos de famílias tradicionais da lavoura para as de empresas ambiciosas de meios mais seguros de capitalização, ao mesmo tempo que compatíveis com explorações de carácter industrial e comercial, desviando a terra da sua função eminentemente social.

Desta maneira está posto o problema: ou se faz uma reforma agrária em condições de estabilização livre das famílias de lavoura; ou se faz uma reforma agrária com exploração comunizada que outra não pode ser senão em regime de escravatura.

Não há meio termo. Das duas partes do dilema só a primeira será, duradoira, progressiva e de paz; a segunda equivaleria a uma dolorosa e sangrenta tragédia da geração que se lhe submetesse.

O Santo Padre Pio XII já bem o preveniu na sua memorável allocução de 15 de Novembro último às delegações da Confederação Nacional dos Agricultores Italianos.

A. LINO NETTO

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª Série)

XXXVI

ENDOCRINOLOGIA

Quando, há cerca de meio século, comecei a estudar medicina, ensinou-me o professor de anatomia que, no nosso corpo, havia uns órgãos chamados glândulas, que produziam certos líquidos, como a saliva e o fel, que tinham importância fundamental para a nossa vida.

Além dessas glândulas de secreção externa, havia outras, muito mal conhecidas então, e que se chamavam, por isso, de natureza incerta. O primeiro livro de medicina por onde estudei, tem a data de 1894 e chamava a esses órgãos glândulas vasculares sanguíneas. Ao estudo desses órgãos misteriosos, dedicava o compêndio de anatomia por onde estudei, nove escassas páginas.

Por acaso, vim a ser professor de anatomia durante algumas dezenas de anos e assisti ao extraordinário progresso das ciências morfológicas, naquele capítulo.

Se o livro por onde aprendi a estrutura dos órgãos de natureza incerta esgotava o assunto em menos de dez páginas, o compêndio que me servia de texto para o meu ensino (1930) ocupava mais de cem páginas com tal matéria.

Veja-se a amplitude dos progressos da anatomia macroscópica e microscópica, pelo que respeita às glândulas de secreção interna.

Tais progressos estenderam-se à fisiologia, quer dizer, ao estudo da maneira como trabalham esses órgãos, que também começaram a ser estudados nas suas doenças.

Certos órgãos do corpo do homem ou dos animais, começaram a empregar-se no tratamento de várias doenças (opoterapia). Basta citar alguns remédios extraídos do corpo do homem ou de certos animais, tais como a insulina, a adrenalina, a tirodina, a ovarina e tantos outros.

É tal o desenvolvimento dos nossos conhecimentos acerca da anatomia, fisiologia, histologia, patologia e terapêutica das glândulas de secreção interna, que, ultimamente, se organizou uma nova especialidade clínica, denominada endocrinologia.

Os progressos da ciência têm sido colossais.

Infelizmente, nem todos esses progressos têm sido executados a bem da humanidade. Diz a Bíblia Sagrada que a árvore da ciência era do bem e do mal.

Efectivamente, é prodigioso o progresso das ciências nos últimos séculos: a física, a química e medicina têm levado o homem a grandes conquistas.

Mas lembremo-nos de que nem todas são benéficas para nós: ao lado das grandes vantagens que nos têm trazido as descobertas da mecânica, da química e da higiene, pensemos que, da árvore da ciência do bem e mal, pode surgir um cataclismo como o que nos fez perder o Paraíso Terreal, ou como o Dilúvio Universal...

J. A. PIRES DE LIMA

Visado pela censura

CRÓNICA FINANCEIRA

A França é a terra do pé de meia, porque o seu povo é talvez o mais poupado de todo o mundo e o mais agarrado ao seu dinheiro. Dizia-me em 1930, em Paris, um grande clínico daquela cidade, que não havia ali negociante que não tivesse a sua conta na Caixa Económica com muitos centos de milhares de francos.

Nas aldeias o amor à poupança não era menos vivo do que nas cidades, antes pelo contrário. Mas havia esta diferença: no campo preferia-se o autêntico pé de meia, ao depósito. O lavrador, sempre desconfiado com muita razão, preferia ter o dinheiro em casa, a confiá-lo aos senhores da cidade. O dinheirinho na mão sempre está mais seguro...

Não obstante o dinheiro em casa também corre muitos perigos. Há em primeiro lugar o dos ladrões, que mais facilmente assaltam uma casa particular do que um banco que é uma autêntica fortaleza. Há ainda o perigo do fogo, que também é muito mais forte para o particular do que para uma casa bancária moderna, em que são postos em prática todos os meios de defesa. Há ainda o perigo das tentações e dos tentadores que é muito maior com o dinheiro à mão do que com ele longe. E há ainda a questão do juro. O dinheiro na gaveta não rende e nos bancos sempre rende alguma coisa.

Apesar de tudo isto, o lavrador francês prefere ter o dinheiro em casa e isso deu azo a que lhe fizessem agora uma grande pirraça. Como é sabido, o Marechal Pétain que é homem do campo e muito amigo dos lavradores, enquanto governou a França protegeu a lavoura o mais que pôde e o caso é que as aldeias encheram-se de dinheiro. Os pés de meia ficaram a abarrotar, principalmente de notas grandes que

são as que ocupam menos lugar e as que melhor se podem esconder. As notas de 5.000 francos eram mesmo a propósito para isso. Não se lembrou o lavrador francês, apesar da sua bem conhecida rabulice, que isto de dinheiro de papel, por mais que se esconda deixa sempre... a cauda de fora. E porquê? — Porque é papel, e como tal nada vale por si, mas pelo que representa por força da autoridade pública.

Logo, o dinheiro de papel pode estar muito escondido no fundo do pé de meia que isso nada faz ao caso. Basta o Governo querer, para tal dinheiro ficar sem valer nada. E foi o que sucedeu em França. Um belo dia (25 de Janeiro p. p., se a memória nos não falha), o Governo francês decretou que as notas de 5.000 francos deixavam de circular, que o mesmo foi dizer que deixavam de ter valor provisoriamente; que quem as tivesse as fôsse entregar aos bancos e mais tarde o Governo diria o que os portadores haviam de receber em troca.

E foi assim mesmo que sucedeu. Quem tinha notas destas foi-as levar aonde o Governo mandou, na esperança de vir mais tarde a receber alguma coisa em troca. Não havia volta a dar-lhe. E como quem mais notas tinha no pé de meia eram os lavradores, foram estes os mais prejudicados.

É de crer que o Governo francês tenha tomado estas providências com o simples propósito de evitar as especulações no mercado livre do ouro e a corrida atrás deste metal logo que a sua venda fôsse tornada livre. E se assim foi, a pouco e pouco o Governo irá restituindo aos antigos donos das notas de 5.000 francos, o dinheiro que deles recebeu por este meio. Do incidente apenas ficará o ram-se de dinheiro. Os pés de meia ficaram a abarrotar, principalmente de notas grandes que

PACHECO DE AMORIM

UM APÓSTOLO

de Nossa Senhora da Fátima

Dolorosamente nos surpreendeu — e surpreenderá quantos dos nossos leitores o conheciam — a notícia do falecimento, no dia 1 de Fevereiro, em Saragoça, Espanha, do Rev. P. Jaime Parcerisa, O. P., actual Procurador da Província de Aragão da sua Ordem.

Contava apenas 35 anos e da sua invulgar actividade e das suas qualidades de espirito e de coração — não menos invulgares — muito tinha a Ordem Dominicana a esperar, o ressurgimento católico da Espanha e até Fátima, de que foi devotado propagandista.

A primeira peregrinação que trouxe ao Santuário foi em 1943, através de dificuldades sem conto, consequência da guerra espanhola e da guerra mundial.

Corria o Ano Santo de S. Tiago de Compostela e o Padre Parcerisa, organizando uma peregrinação ao túmulo do Apóstolo, abalanchava-se a trazer alguns dos peregrinos até à Fátima.

Desde então, mais 6 vezes aqui o vimos, presidindo a grupos cada vez mais numerosos e cada vez mais inflamados, mais confiantes na intercessão de Nossa Senhora da Fátima. A partida era sempre de Barcelona.

A última peregrinação por ele organizada e presidida foi em Junho do ano passado, mas já depois aqui voltara, Deus sabe com que planos grandiosos.

O Senhor ó terá já recompensado de vida tão cheia, embora curta, mas nenhum devoto de Nossa Senhora da Fátima deverá deixar de rezar pela sua alma.